

O mais incrível

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Quem fizesse a coisa mais incrível ganharia a filha do rei e metade do reino.

Os jovens, e também os velhos, puseram em esforço todos os pensamentos, tendões e músculos. Dois comeram até morrer, e um bebeu até se matar, para fazer o mais incrível segundo o gosto deles; mas não era dessa maneira que devia ser feito. Os meninos de rua se exercitavam em cuspir nas próprias costas; achavam que aquilo era o mais incrível.

Num dia determinado, cada um deveria apresentar o que tinha a mostrar como o mais incrível. Foram nomeados juízes desde crianças de três anos até pessoas já bem entradas nos noventa. Houve uma exposição inteira de coisas incríveis, mas todos logo concordaram que o mais incrível ali era um grande relógio de sala, com sua caixa, extraordinariamente engenhoso por fora e por dentro. A cada hora apareciam quadros vivos que mostravam as horas que acabavam de soar: eram doze apresentações completas, com figuras em movimento, canto e fala.

— Isso é o mais incrível! — diziam as pessoas.

O relógio bateu uma hora, e Moisés estava no monte, escrevendo nas tábuas da Lei o primeiro mandamento da fé: “Há um só Deus verdadeiro.”

O relógio bateu duas horas, e apareceu o jardim do Paraíso, onde Adão e Eva se encontravam, ambos felizes, sem possuir sequer um guarda-roupa; tampouco precisavam dele.

Às três badaladas apareceram os três santos reis; um deles era negro como carvão, coisa pela qual não podia fazer nada: o sol o enegrecera. Vinham trazendo incenso e preciosidades.

Às quatro badaladas vieram as estações do ano: a primavera, com o cuco num ramo de faia coberto de folhas novas; o verão, com um gafanhoto na espiga madura; o outono, com um ninho de cegonha vazio, pois a ave tinha ido embora; o inverno, com uma velha gralha capaz de contar histórias no canto junto da estufa, antigas lembranças.

Quando o relógio bateu cinco, apareceram os cinco sentidos: a visão veio como fabricante de óculos; a audição, como caldeireiro; o olfato vendia violetas e aspérulas; o paladar era cozinheiro, e o tato, um agente funerário com crepe de luto até os calcanhares.

O relógio bateu seis: ali estava sentado um jogador, que lançou um dado; este virou para cima o lado de maior valor, e nele havia seis.

Depois vieram os sete dias da semana ou os sete pecados capitais; as pessoas não chegavam a um acordo, pois eles andavam juntos e não eram fáceis de separar.

Depois veio um coro de monges e cantou as matinas.

Às nove badaladas vieram as nove musas; uma trabalhava na astronomia, outra no arquivo histórico; as restantes pertenciam ao teatro.

Às dez badaladas, Moisés tornou a aparecer com as tábuas da Lei; nelas estavam todos os mandamentos de Deus, e eram dez.

O relógio bateu outra vez, e meninos e meninas pulavam e saltavam, brincando e cantando: “Ponte, ponte, arco, o relógio bateu onze!” E tinha mesmo batido.

Agora bateu doze, e apareceu o vigia, de gorro e maça de pontas; cantou o antigo verso dos vigias:

*Foi à meia-noite
que o nosso Salvador nasceu!*

Enquanto cantava, brotavam rosas, que se transformavam em cabeças de anjos sustentadas por asas com as cores do arco-íris.

Era encantador de ouvir, era lindo de ver. Tudo aquilo era uma obra de arte sem igual, a coisa mais incrível, diziam todos.

O artista era um jovem bondoso de coração, que gostava de crianças, amigo fiel e prestativo com seus pais pobres; merecia a princesa e metade do reino.

Chegara o dia da decisão. A cidade inteira estava enfeitada, e a princesa se sentava no trono do país, que recebera um novo enchimento de crina, mas nem por isso ficara mais cômodo e agradável. Os juízes, ao redor, olhavam com ar matreiro para aquele que venceria; ele estava ali, confiante e contente, sua felicidade era certa: tinha feito o mais incrível.

— Não, agora eu vou fazer isso! — gritou naquele instante um valentão alto, ossudo e forte. — Eu sou o homem para fazer o mais incrível!

E brandiu um grande machado contra a obra de arte.

“Crac! Crec! Esmaga!” Lá estava tudo no chão. Rodas e molas voaram por toda parte; tudo estava destruído!

— Eu consegui! — disse o homem. — Meu feito superou o dele e superou todos vocês: fiz o mais incrível!

— Destruir uma obra de arte dessas! — disseram os juízes. — Sim, isso foi o mais incrível!

Todo o povo disse o mesmo, e assim ele deveria receber a princesa e metade do reino, pois uma lei é uma lei, mesmo que seja a coisa mais incrível.

Das muralhas e de todas as torres da cidade soaram as trombetas: “O casamento será celebrado!” A princesa não estava nem um pouco satisfeita, mas parecia encantadora e estava vestida com grande luxo. A igreja brilhava de luzes, já tarde da noite; assim fica mais bonita. As donzelas nobres da cidade cantavam e conduziam a noiva; os cavaleiros cantavam e acompanhavam o noivo, que se empertigava como se ninguém pudesse jamais parti-lo ao meio.

Então o canto cessou, e fez-se um silêncio em que se poderia ouvir um alfinete cair no chão. Mas, no meio daquele silêncio, a grande porta da igreja se escancarou com estrondo e barulho e — “bum! bum!” — lá vinha todo o mecanismo do relógio, marchando pelo corredor central da igreja, até se colocar entre a noiva e o noivo. Mortos não podem voltar como fantasmas, sabemos muito bem; mas uma obra de arte pode. O corpo fora despedaçado, o espírito não; o espírito da arte assombrava, e não era brincadeira.

A obra de arte estava ali, viva, como quando era inteira e intacta. As badaladas soaram, uma após a outra, até doze, e as figuras surgiram em multidão. Primeiro veio Moisés; chamadas pareciam brilhar em sua testa. Ele lançou as pesadas tábuas de pedra da Lei sobre os pés do noivo, prendendo-os ao chão da igreja.

— Não posso levantá-las outra vez! — disse Moisés. — Você me arrancou os braços a golpes! Fique onde está!

Então vieram Adão e Eva, os sábios do Oriente e as quatro estações; cada um lhe disse verdades desagradáveis:

— Tenha vergonha!

Mas ele não se envergonhava.

Todas as figuras que cada hora tinha a apresentar saíram do relógio e cresceram a um tamanho terrível, como se já não houvesse espaço para as pessoas de verdade. E, quando, na décima segunda badalada, o vigia saiu de gorro e maça de pontas, houve uma agitação estranha. O vigia avançou direto sobre o noivo e lhe bateu na testa com a maça.

— Fique deitado aí! — disse. — Na mesma moeda! Estamos vingados, e nosso mestre também! Vamos desaparecer!

E a obra de arte inteira desapareceu. Mas as luzes espalhadas pela igreja se tornaram grandes flores de luz, e as estrelas douradas sob o teto lançaram longos raios luminosos; o órgão tocou sozinho. Todos disseram que aquilo era o mais incrível que já tinham presenciado.

— Então mandem chamar o verdadeiro! — disse a princesa. — Aquele que fez a obra de arte será meu esposo e senhor!

E ele estava na igreja; o povo inteiro era seu cortejo, todos se alegravam, todos o abençoavam; não havia um só que sentisse inveja. Sim, isso era o mais incrível!

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/o-mais-incrivel>